

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 7

REVOLTAS e REVOLUÇÕES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1985

A PROPÓSITO DE UM CENTENÁRIO
JAIME CORTESÃO
E O «POEMA DO POVO PORTUGUÊS» (*) **

A frequência com que o nome de Jaime Cortesão tem surgido nos meios de comunicação social, encontra a sua justificação na efeméride que este ano se comemora — o 1.º centenário do seu nascimento. Se este tipo de comemorações tem o mérito de permitir reviver obras e pensamentos que o tempo e/ou as circunstâncias foram diluindo na memória dos homens, esse mérito não cabe ao centenário de Jaime Cortesão. De facto, estamos perante a superioridade de um pensamento e a grandeza de uma obra que, tendo conservado ao longo do tempo plena vitalidade, foram sempre presa impossível para as garras do esquecimento. Não significa porém, que a revisitação que as comemorações têm permitido não seja oportuna. É-o para os estudiosos que encontram um tempo de diálogo, de esclarecimento, de abertura de novas pistas de investigação sobre um pensamento sempre prenhe de riquezas inesgotáveis. Para uns tantos, é talvez o momento de decidirem vocações, se tomarem como modelo o próprio Jaime Cortesão, que, a partir de 1922, estimulado pelo centenário da independência brasileira, se voltou decisivamente para a Historiografia. Para o grande público é ocasião propícia a uma iniciação ou a um estreitamento de relações com uma das figuras mais prestigiadas da cultura e da vida política portuguesas.

Nascido há cem anos no concelho de Cantanhede, mais propriamente em Ançã, Jaime Cortesão estudou na Universidade de Coimbra onde sucessivamente frequentou a Faculdade

(*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
(■**) Texto de uma conferência proferida em Cantanhede em 23 de Setembro de 1984, no encerramento das comemorações de Jaime Cortesão.

Varia

de Letras para cursar grego, a Faculdade de Direito (durante dois anos) e a Faculdade de Medicina, curso que terminaria em Lisboa em 1910, após ter passado pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Pouco tempo porém exerceu clínica, preferindo à carreira de médico a de professor.

Voltaria a fazer uso dos seus conhecimentos médicos quando em 1917, em plena guerra mundial, se ofereceu voluntariamente como médico militar, numa atitude de manifesta coerência entre os actos e o pensamento de um republicano convicto que defendera acérrimamente a participação de Portugal no conflito. Viria a ser condecorado com a Cruz de Guerra pelo seu comportamento em campanha. Foi como professor de História e Literatura, para cujo magistério foi nomeado em 1912 num Liceu do Porto, que Jaime Cortesão se dedicou à obra de poeta e dramaturgo e participou em campanhas de irradiação cultural ligadas ao movimento da Renascença Portuguesa e à Universidade Popular do Porto. A colaboração na revista a *Águia*, órgão da Renascença Portuguesa, possibilitou-lhe a convivência com algumas das figuras mais representativas do pensamento da época, como Teixeira de Pascoais, António Sérgio, Raúl Proença, Leonardo Coimbra, Afonso Duarte, voltando a encontrar-se com alguns deles quando Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, cargo para que foi nomeado em 1919. Constituem então o denominado «Grupo da Biblioteca» que reúne a fina flor da intelectualidade lusa do tempo e promovem tarefas várias de promoção cultural e de doutrinação política, posto que todos comungavam do mesmo ideal democrático e republicano. Com Raúl Proença fundou em 1921 a *Seara Nova* e tornou-se um dinamizador da revista *Lusitania* dirigida por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Neste período revela-se a sua vocação mais profunda, a de Historiador. Data de 1922 o seu primeiro trabalho especificamente histórico: *A Expedição de Pedro Alvares Cabral e a Descoberta do Brasil*.

Adversário do regime estabelecido com a revolução de 28 de Maio de 1926, manifesta de imediato a sua discordância que o leva a envolver-se no movimento revolucionário de 3 de Fevereiro de 1927. Compelido ao exílio que experimentou em terras de Espanha e França, acaba por fixar-se no Brasil a partir de 1940, onde realizou obra científica notável que lhe conferiu entre outras dignidades o título de «Cidadão Benemérito da Cidade de S. Paulo». Regressa definitivamente a Portugal em 1957 para vir a morrer três anos depois em Lisboa.

Foi durante as três décadas de exílio que a sua obra histórica se edificou e consolidou até atingir projecção a nível nacional e internacional. Dela se destaca a colaboração na His-

toña de Portugal dirigida por Damião Peres, os *Descobrimientos Portugueses* e *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, obras que atestam a mundividência histórica de Jaime Cortesão, centrada na Historia do povo português, na Historia do momento em que esse povo altera os destinos do mundo e em cu jo decurso o seu carácter, tal como Cortesão o concebia, fraternalmente universalista, pôs à prova as suas virtualidades. Essa vasta obra histórica, pelas hipóteses suscitadas, métodos usados, fundamentação filosófica em que assenta, continua a ser objecto de discussão o que lhe garante vitalidade plena.

A atracção de Jaime Cortesão pela Historia é um sintoma evidente do sentido transcendente que confere ao destino da Grei Portuguesa e que se projecta em toda a sua obra poética e dramática. Esta última é uma manifestação da reviviscência do historicismo romântico que, animado nos fins do séc. XIX princípios do séc. XX com o drama histórico a *Morta* de Henrique Lopes de Mendonça, suscitou o aparecimento de uma série de peças cujos temas entroncam num certo cunho de tradição. Estão neste caso os dramas históricos em verso de Jaime Cortesão, *O Infante de Sagres* e *Egas Moniz*. Mas, se a insuflação do sentimento histórico é inegável na produção poética e sobretudo dramática de Cortesão, não é menos evidente a presença da intuição poética e do intuito dramático na obra do Historiador. Essa simbiose ou essa fusão do rigor científico com a preocupação estética é o que torna a obra de Cortesão verdadeiramente aliciante.

Dessa obra é necessário destacar uma faceta que menos conhecida ou menos divulgada, é, até por isso mesmo, merecedora da maior atenção. Trata-se do trabalho de divulgação de poesia popular portuguesa, que levou Jaime Cortesão a publicar em 1914 o *Cancioneiro Popular*, antologia precedida de um estudo crítico, *Cantigas do Povo para as Escolas*, e em 1942, quando exilado no Brasil *O que o povo canta em Portugal*.

Uma reflexão ainda que apressada sobre esta faceta de Cortesão não permite considerá-la como uma excecência ou uma marginalidade no contexto geral da sua obra, mas como mais um campo de interesse de um intelectual omnímodo e tão relevante como qualquer das outras pelo seu alcance cultural e significado. Se, como o próprio autor afirma, não foi o fazer ciência que o moveu a coligir centenas de poemas populares, percorrendo para o efeito dezenas de colectâneas já organizadas, ou recolhendo-os pessoalmente; se não quis despir a pele de historiador e poeta para vestir a de etnólogo ou folclorista, como interpretar o cuidado, a atenção, o rigor e até o tempo dispendido na elaboração daquelas obras? Basta abrir o *Can-*

cioneiro Popular e atentar nas palavras que iniciam o estudo crítico que o precede para nos darmos conta da finalidade da obra. Diz textualmente Jaime Cortesão: «para que todos os Portugueses possam inteirar-se da sua própria Alma, e profundamente sintam a prendê-los e a dirigi-los os laços íntimos do Espírito, para que enfim se forme ou se torne clara a consciência nacional dando-nos a possível unidade finalista, é indispensável o conhecimento do cancioneiro popular, porque nele se revela toda a alma do povo». E diz ainda: «As trovas populares, ramo de um estudo mais vasto, as tradições populares, exigem atenção reflectida que permita o reencontro da consciência histórica portuguesa, herdada pela grei, mas subvertida por séculos de abatimento e corrupção, jesuitismo e inépcia real, embasbacação estólida perante o estrangeiro». Isto significa que o divulgar a poesia popular era para Cortesão um meio de intervir ao plano da cultura para auxiliar o país a reconstruir-se, minado como estava pelas dissenções políticas que a República ainda não sanara. A recolha da produção poética popular, a par com a história e a literatura, constituía para o autor uma via de acesso à alma do povo, entendida por ele como «o sacrário das fontes geniais da nacionalidade e de inspiração para um futuro de grandezas renovadas». É aqui bem patente uma mescla de optimismo messiânico e saudosismo profundo, reveladora dos vínculos de Cortesão às correntes saudosistas que partilhara com Teixeira de Pascoais nos seus tempos de colaborador de *A Águia* e de membro da Renascença Portuguesa. Ao procurar nas tradições e no folclore as fontes geniais da lusitaneidade, à semelhança aliás de um Ramalho Ortigão e de um Teófilo Braga, Jaime Cortesão não deixa de dar cumprimento à palavra de ordem de Alberto de Oliveira quando nas *Palavras Loucas* ordenava o neogarrrettismo para reaportuguesar Portugal. Parece legítimo integrá-lo naquele movimento cujo sentido nacionalista se reparte por três vias: doutrinação, pesquisa e criação literária. Se pela criação literária não é difícil estabelecer as ligações, o mesmo sucede quanto às preocupações de doutrinação, bem patentes na esperança que deposita na nova geração a quem pretende transmitir a fé nos destinos da Pátria «através do conhecimento das energias latentes na alma popular». Por isso escreveu *Cantigas do Povo para as Escolas* para que, como afirma ao dirigir-se às crianças na pequena introdução à obra, «possam conhecer os poemas não de grandes Poetas cujo nome a Fama espalha pelo mundo, mas de criaturas humildes que no contacto com a Natureza, no amor e no esforço do trabalho diário encontram as fontes de inspiração».

Jaime Cortesão

Em 1942 escreveu Jaime Cortesão *O que o Povo canta em Portugal*. 28 anos separam a publicação do *Cancioneiro Popular* desta última obra, o que não deixa de ser relevante. Significa que a divulgação da poesia popular não foi um acidente de percurso, mas uma preocupação constante no pensamento do historiador e do poeta. Nesta obra Cortesão não pretende apenas divulgar mas fazer um ensaio que constitua «a primeira tentativa de síntese etológica ou seja de interpretação do carácter do povo português» com base nas criações da sua Lírica, Épica, Mística e Música. Não deixaria de ser interessante confrontar esta interpretação do divulgador e ensaísta com as explicações do historiador para ver até que ponto estas últimas são marcadas por aquela. De resto, essa relação refere-a o próprio Cortesão quando afirma que ao elaborar esta obra não se demitiu nem da sua condição de poeta, pois é como obra de arte que vai encarar a poesia popular, nem da condição de historiador dado que não perde de vista o povo português «como criador de História e, por consequência dentro do seu carácter próprio, das tonalidades de espírito que lhe são peculiares, e acima de tudo, das suas fortes energias construtivas». E conseguiu-o de facto. É verdadeiramente aliciante percorrer esta obra de Cortesão.

Repudiando o conceito de poesia colectiva, defendendo a tese de que as trovas cantadas pelo povo são criações individuais de filiação genuinamente popular, sem quaisquer influências cultas, Jaime Cortesão apoia-se em vozes autorizadas como, entre outras, as de Leite de Vasconcelos e Carolina M. de Vasconcelos. Contudo, os seus argumentos mais sólidos vai colhê-los da sua experiência pessoal, do seu convívio com o povo, do seu contacto com improvisadores repentistas como o Zé Duarte e a Ermelinda Bernardo que conheceu em S. João do Campo e que ele evoca como «trabalhadores manuais de vida dolorosa mas possuidores de dotes de invenção, profundidade de pensamento e originalidade de expressão, que quando cantavam criavam poesia». Vai colhê-los ainda na rusticidade da linguagem popular, na ausência de artifício literário, na simplicidade com que o povo exprime os seus sentimentos e ainda no facto de a maior parte desses cantadores populares serem mulheres. Que em Portugal as mulheres cantam mais que os homens é um facto já constatado no tempo de D. Dinis por viajantes estrangeiros. Ora para Cortesão a colaboração de poetisas cultas na poesia popular feminina é hipótese a afastar se se tiver em linha de conta que o estatuto social da mulher portuguesa (salvo raras excepções) a afastava da criação literária e a segregava do convívio com os humildes.

Varia

Convicto de que a poesia popular é de origem não culta e filiada directamente no povo, Cortesão compulsou dezenas de cancioneiros, recolheu pessoalmente inúmeros poemas, e compôs, com o seu profundo sentido de historiador e a sensibilidade de poeta, o «Grande Poema do Povo Português», em que o povo se mostra a si próprio numa sequência de cantigas que quase se ordenam a si mesmas numa afinidade de sentido.

É em primeiro lugar o homem rude que dolorosamente experimenta as agruras da vida em íntima comunhão com a natureza. Nesta comunhão homem/natureza, reveladora da índole naturalista do povo português, mais do que expressão literária, vê Cortesão a razão histórica, a força natural que levou os portugueses aos empreendimentos longínquos e que nos nossos dias os leva à emigração para as paragens mais diversas. Vê também o reflexo do sentido universalista da grei portuguesa, a sua índole amorosa que lhe dá o sentido da humanidade e a leva a amar tanto a sua própria terra, a que descobriu ou que o acolheu porque o português é um cidadão do mundo.

É em seguida o homem que sabe atingir o sentido heroico da vida e que na expressão épica da poesia popular sabe traduzir como ninguém a consciência do esforço e das energias dispendidas no trabalho rude. Homem que dita aos outros o seu código de leis morais, fruto de uma sabedoria que lhe vem da experiência e que sintetiza em sentenças, máximas, ironias que a vida amarga sugeriu. É o homem português, consciente do seu contacto com o mar, causa do drama e da epopeia de um povo que a cada passo evoca o mar distante, as terras longínquas, o eldorado brasileiro. Cortesão demonstrou que o Brasil ocupa um lugar privilegiado no trovário popular português. São poemas que segundo o autor se devem prender com o que chama a «febre da mineração» que no séc. XVII leva os homens em busca do ouro e deixa a mulher presa à dor da saudade. Mulher que no cancionero domina de muito alto não só como musa inspiradora mas como poetisa inspirada. E nesta sequência de poemas em que o povo se retrata, o amor constitui um dos temas centrais. Surge então o homem que ama e que transmite às suas trovas desejos, ímpetos, alegrias e arrebatamentos e em cores ricas pinta o retrato da mulher amada. Esta, por sua vez, transmite à poesia a amargura da separação, a dor da saudade, sentimento em cuja expressão o lirismo português atinge o tom doce e triste que muitos têm apontado ao carácter do povo português. Mas se o amor constitui um dos temas centrais da lírica popular, outro sentimento há, intimamente ligado ao trovário amoroso que constitui, para Cortesão, a parte mais original da arte poética popular — o religioso. O

contacto do autor com as colectâneas que compulsou e directamente com o povo com quem conviveu, leva-o a constatar que nas trovas populares é manifesta uma certa cambiante panteísta, patente em cerimónias e orações onde se projecta a influência do culto pagão do sol, o que explica a alegria pagã e a doçura panteísta da religiosidade portuguesa, face à severidade dramática do catolicismo castelhano. A Virgem, o Menino, Deus e os Santos são vestidos com as roupagens da natureza, experimentam as alegrias e dores dos homens, partilham das suas folias, tornam-se cúmplices dos pecadinhos de amor. São figuras íntimas, familiares, vivendo nos presépios e cascatas ante a adoração sincera e espontânea do povo que não se furta, por vezes, à irreverência comedida, fruto da familiaridade partilhada. Mas esses caudais de religiosidade popular espraíram-se no trovário com uma riqueza de inspiração notável, quando se reproduzem orações diárias, resposos, rezas contra pesadelos e visões. É bem o homem português, profundamente religioso mas simultaneamente supersticioso que tão bem sabe orar como esconjurar.

Na combinação entre a Natureza, o Amor e Deus, na continuidade de vivência entre homens e entidades divinas, que Jaime Cortesão tão bem soube fazer ressaltar ao compor o «Poema do Povo Português», reside o traço mais original da poética popular portuguesa. Essa combinação justifica-a Cortesão pelo pendor naturalista do povo português, apurado ao longo dos séculos pela contemplação da paisagem marítima, mas fundamentalmente pela educação do povo no espírito franciscano, que orientando a sensibilidade naturalista a levou a concretizar-se em temas religiosos.

Se o português permanece hispânico, se uma comunidade afectiva e literária o liga aos demais povos peninsulares, esse pendor naturalista, o estilo de vida, uma certa dulcificação exercida pela mulher, deram ao carácter do português uma cambiante terna e mística que o distingue da violência e do dramatismo dos homens da meseta, como já frisara também Oliveira Martins. Para isso teria concorrido sobremaneira a presença da mulher que, nas palavras de Cortesão, «teria vencido a sua Aljubarrota criando uma fronteira de afectividade lírica com o castelhano, bem mais inexpugnável que a raia sêca».

Cortesão não deixa de constatar que um cunho de tristeza perpassa no trovário popular português. Já Antero de Quental e Oliveira Martins o tinham notado e interpretavam-no como o fruto de um pessimismo político resultante de uma decadência nacional e de uma degenerescência étnica. Para Jaime Cortesão, pelo contrário, essa tristeza filia-se numa fonte de energias épicas, ambições grandiosas que não encontraram satisfação na

Varia

acanhada realidade do quotidiano. A melancolia portuguesa resultava portanto do contraste entre a finalidade idealizada e a realização conseguida.

A prova de que não existe degenerescência encontra-a Cortesão no facto do homem português, quando transplantado para cenários mais consentâneos com as suas virtualidades, revelar capacidades insuspeitas de arrojo e tenacidade para grandes empreendimentos. Os vestígios concretos da presença portuguesa nas mais variadas partes do mundo, são, segundo Cortesão, o testemunho fiel da grandeza do passado, que o trovário não desconhece. Mas, este espelha também a esperança, as aspirações de um povo ávido de realizações.

Hoje, que se vive um período difícil da realidade portuguesa, talvez muitos sintam, como Jaime Cortesão, a necessidade de um reencontro com a nossa consciência histórica. Daí que a revisitação da sua obra, nomeadamente a leitura do *Cancioneiro Popular* e do «Poema do Povo Português» inserido na obra *O que o Povo canta em Portugal*, constitua uma via para esse reencontro. Talvez que a leitura dessas obras ajude a compreender o nosso passado histórico e a abrir perspectivas para a construção de um futuro onde as virtualidades e capacidades que Jaime Cortesão reconhece ao povo português possam expandir-se e concretizar-se.